

Domingo XXV do Tempo Comum – Ano A – 20.09.2026



Viver a Palavra

O Reino dos Céus que ocupa o centro do anúncio e da pregação de Jesus desconcerta a nossa lógica humana de retribuição e prestação e abre-nos à nova lógica da relação, da gratuidade e da comunhão.

«O reino dos Céus pode comparar-se a um proprietário, que saiu muito cedo a contratar trabalhadores para a sua vinha». Mas este proprietário não se limita a convocar para o trabalho na hora mais matutina, também «saiu a meia-manhã», «voltou a sair, por volta do meio-dia e pelas três horas da tarde» e «saindo ao cair da tarde...». O Reino dos Céus é uma realidade dinâmica, lugar permanente de saída, lugar constante de procura para que ninguém permaneça esquecido ou na ociosidade.

Como é belo pensar que somos filhos de um Deus que não se fecha na sua imutabilidade, mas sai permanentemente à nossa procura e veio de modo concreto, pleno e definitivo em Seu Filho Jesus Cristo que enviou como Salvador e Redentor. Em Jesus Cristo, Deus procura-nos e vem ao nosso encontro para nos oferecer um horizonte de sentido na exigente jornada da nossa vida. O pior que poderia acontecer a alguém seria atravessar o arco da sua existência com a sensação de nunca ter encontrado um sentido para a sua vida, uma razão pela qual valha a pena lutar e caminhar os trilhos da história.

O nosso Deus é um “*Deus em saída*”, que nos convoca para a missão de sermos também nós Igreja em Saída, homens e mulheres que vencem a tentação do comodismo e da ociosidade para que no mundo ninguém possa sentir que a sua vida é irrelevante ou desprovida de sentido.

Cada um de nós é portador de uma história única e irrepetível e encontra este “*Deus em saída*” num momento concreto da sua existência. Temos de colocar de parte toda e qualquer retribuição equitativa pelos méritos adquiridos contabilisticamente, pois mesmo quando parece que encontramos Deus na hora tardia da nossa existência, a boa notícia do Evangelho recorda-nos que no Seu infinito amor Deus recompensa o operário da última hora do mesmo modo que o da primeira. Apesar da aparente injustiça destas palavras e da má administração de quem paga do mesmo modo a quem trabalha muitas horas ou poucas, esta boa notícia não é injustiça nem laxismo. Segundo a lógica do Evangelho é a certeza de que, aos olhos de Deus, cada operário, cada homem e cada mulher, valem muito mais do que qualquer outra coisa e não podem encerrar-se na lógica de mercado que não conhece atrasos nem descontos. Para Deus, nós não somos números, mas pessoas, homens e mulheres profundamente amados, pelos quais vale a pena oferecer tudo, em todo o tempo e lugar.

Este texto do Evangelho exprime muito bem o primado da misericórdia e da graça, que nos interpela para percebermos o que de verdade está no centro da nossa vida: *a relação livre e gratuita ou a prestação?* Se concebemos a nossa relação com Deus na lógica contabilística da prestação, então a nossa vida será sempre medida numa lógica retributiva e de competição. Contudo, se, pelo contrário, a nossa vida se constrói numa lógica de relação íntima e pessoal com um Deus que é amor, misericórdia e gratuidade, a nossa vida ganhará um

sentido absolutamente novo e há-de construir-se numa nova lógica de ser e de estar que se traduz num modo novo de servir e amar. *in Dehonianos*

+++++

Estamos no ano litúrgico – **2025/2026, o Ano A**. Acompanhamos o evangelista S. Mateus em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Mateus.

Deste modo, como preparação complementar, é, certamente, oportuna a proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Mateus. Há muita ignorância e confusão sobre o Evangelho de Mateus. Merece a pena tentar formar mais e melhor os cristãos da nossa comunidade.

E fizemos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Mateus. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Isaías 55,6-9

Leitura do Livro de Isaías

**Procurai o Senhor, enquanto se pode encontrar,
invocai-O, enquanto está perto.**

Deixe o ímpio o seu caminho

e o homem perverso os seus pensamentos.

Converta-se ao Senhor, que terá compaixão dele,

ao nosso Deus, que é generoso em perdoar.

Porque os meus pensamentos não são os vossos,

nem os vossos caminhos são os meus - oráculo do Senhor –.

Tanto quanto o céu está acima da terra,

assim os meus caminhos estão acima dos vossos

e acima dos vossos estão os meus pensamentos.

CONTEXTO

O Deutero-Isaías, autor deste texto, é um profeta anónimo da escola de Isaías, que cumpriu a sua missão profética entre os exilados da Babilónia, procurando consolar e manter acesa a esperança no meio de um povo amargurado, desiludido e decepcionado. Os capítulos que recolhem a sua mensagem (Is 40-55) chamam-se, por isso, "Livro da Consolação".

Estes quatro versículos que a primeira leitura de hoje nos propõe aparecem no final do "Livro da Consolação". Aproxima-se a libertação e, para muitos exilados, está perto o momento do regresso à Terra Prometida. Depois de exortar os exilados a cumprir um novo êxodo e de lhes garantir que, em Judá, vão sentar-se à mesa do banquete que Jahwéh quer oferecer ao seu Povo (cf. Is 55,1-3), o profeta lança-lhes agora um outro repto...

O tempo do Exílio foi um tempo de angústia e de sofrimento, mas também um tempo de amadurecimento e de graça. Aí, Israel tomou consciência das suas falhas e infidelidades, e descobriu que o viver longe de Deus não conduz à vida e à felicidade; por outro lado, o tempo de Exílio ajudou Israel a purificar a sua noção de Deus, da Aliança, do culto e até do significado de ser Povo de Deus.

O Deutero-Isaías - neste momento em que se abrem novos horizontes - convida os seus concidadãos a percorrerem esse caminho de conversão e de redescoberta de Deus que a experiência do Exílio lhes revelou. O Povo está prestes a pôr-se a caminho em direção à Terra Prometida; esse "caminho" não é uma simples deslocação geográfica, mas é, sobretudo, um "caminho" espiritual de reencontro com o Senhor. Deixar a terra da escravidão e voltar à terra da liberdade deve significar, para Israel, uma redescoberta dos esquemas de Deus e um esforço sério para viver na fidelidade dinâmica aos mandamentos de Jahwéh. *in Dehonianos*.

ATUALIZAÇÃO

Na reflexão, considerar os seguintes pontos:

- Antes de mais, o nosso texto apela à conversão. O "voltar para Deus" (como diz o Deutero-Isaías) significa, neste contexto, reequacionar a vida, de modo que Deus passe a estar no centro da existência do homem. É infletir o sentido da existência, de forma que Deus (e não o dinheiro, o poder, o sucesso, os amigos, a família) ocupe sempre, na vida do homem, o primeiro lugar. A cultura pós-moderna prescindiu de Deus... Considerou que o homem é o único senhor do seu destino e que cada pessoa tem o direito de construir a sua felicidade à margem de Deus e dos seus valores; considerou que os valores de Deus não permitem ao homem potencializar as suas capacidades e ser verdadeiramente livre e feliz... Na verdade, o que é que nos faz passar

da terra da escravidão para a terra da liberdade: o amor, a partilha, o serviço, o dom da vida, ou o egoísmo, o orgulho, a arrogância, a autossuficiência?

- No entanto, o homem só poderá converter-se a Deus e abraçar os seus esquemas e valores, se se mantiver em comunhão com Ele. É na escuta e na reflexão da Palavra de Deus, na oração frequente, na atitude de disponibilidade para acolher a vida de Deus, na entrega confiada nas mãos de Deus, que o crente descobrirá os valores de Deus e os assumirá. Aos poucos, a ação de Deus irá transformando a mentalidade desse crente, de forma que ele viva e testemunhe Deus e as suas propostas para os homens.

- A conversão é um processo nunca acabado. Todos os dias o crente terá de optar entre os valores de Deus e os valores do mundo, entre conduzir a sua vida de acordo com a lógica de Deus ou de acordo com a lógica dos homens. Por isso, o verdadeiro crente nunca cruza os braços, instalado em certezas definitivas ou em conquistas absolutas, mas esforça-se por viver cada instante em fidelidade dinâmica a Deus e às suas propostas.

- Finalmente, o nosso texto sugere uma reflexão sobre a imagem que temos de Deus. Não podemos construir e testemunhar diante dos outros homens um Deus à nossa imagem, que funcione de acordo com os nossos esquemas mentais e que assuma comportamentos parecidos com os nossos. Temos de descobrir, no diálogo pessoal com Ele, esse Deus que nos transcende infinitamente. Sem preconceitos, sem certezas, temos de mergulhar no infinito de Deus, e deixarmo-nos surpreender pela sua lógica, pela sua bondade, pelo seu amor. *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 144 (145)

Refrão: O Senhor está perto de quantos O invocam.

**Quero bendizer-Vos, dia após dia,
e louvar o vosso nome para sempre.
Grande é o Senhor e digno de todo o louvor,
insondável é a sua grandeza.
O Senhor é clemente e compassivo,
paciente e cheio de bondade.
O Senhor é bom para com todos
e a sua misericórdia se estende a todas as criaturas.
O Senhor é justo em todos os seus caminhos
e perfeito em todas as suas obras.
O Senhor está perto de quantos O invocam,
de quantos O invocam em verdade.**

LEITURA II – Filipenses 1,20c-24.27a

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses

Irmãos:

**Cristo será glorificado no meu corpo,
quer eu viva quer eu morra.
Porque, para mim, viver é Cristo e morrer é lucro.
Mas, se viver neste corpo mortal é útil para o meu trabalho,
não sei o que escolher.
Sinto-me constrangido por este dilema:
desejaria partir e estar com Cristo, que seria muito melhor;
mas é mais necessário para vós
que eu permaneça neste corpo mortal.
Procurai somente viver de maneira digna do Evangelho de Cristo.**

CONTEXTO

Filipos, cidade situada ao norte da Grécia, foi a primeira cidade europeia evangelizada por Paulo. Era uma cidade próspera, com uma população constituída maioritariamente por veteranos romanos do exército. Organizada à maneira de Roma, estava fora da jurisdição dos governantes das províncias locais e dependia diretamente do imperador. Gozava, por isso, dos mesmos privilégios das cidades de Itália.

A comunidade cristã, fundada por Paulo, Silas e Timóteo no Verão do ano 49, era uma comunidade entusiasta, generosa e comprometida, sempre atenta às necessidades de Paulo e do resto da Igreja (como no caso da coleta em favor da Igreja de Jerusalém - cf. 2 Cor 8,1-5). Paulo nutria pelos "filhos" de Filipos um afeto especial.

Quando escreve aos Filipenses, Paulo está na prisão (em Éfeso?). Dos Filipenses recebeu dinheiro e o envio de Epafrodito (um membro da comunidade), encarregado de ajudar Paulo em tudo o que fosse necessário. Enviando Epafrodito de volta a Filipos, Paulo confia-lhe uma carta para a comunidade. É uma carta afetuosa,

onde Paulo agradece aos Filipenses a sua preocupação, a sua solicitude e o seu amor. Nela, Paulo agradece, dá notícias, informa a comunidade sobre a sua própria sorte e exorta os Filipenses à fidelidade ao Evangelho.

O texto que nos é hoje proposto faz parte de uma perícopa (cf. Flp 1,12-26), na qual Paulo fala aos Filipenses de si próprio, da sua situação, das suas preocupações e esperanças. Paulo está consciente de que corre riscos de vida; mas está sereno, alegre e confiante porque a única coisa que lhe interessa é Cristo e o seu Evangelho. *in Dehonianos*.

ATUALIZAÇÃO

A reflexão poderá ter em conta as seguintes questões:

- Um dos elementos que mais impressionam e questionam neste testemunho é a centralidade de Cristo na vida de Paulo. Diante de Cristo, todos os interesses pessoais e materiais do apóstolo passam a um plano absolutamente secundário. O apóstolo vive de Cristo e para Cristo; nada mais lhe interessa. Paulo aparece, neste aspecto, como o perfeito modelo do cristão: para os batizados, Cristo deveria ser o centro de todas as referências e interesses, a "pedra angular" à volta da qual se constrói a existência cristã. Que significa Cristo para mim? Ele é a referência fundamental à volta da qual tudo se articula, ou é apenas mais um entre muitos interesses a partir dos quais eu vou construindo a minha vida? Quando tenho de optar, para que lado cai a minha escolha: para o lado de Cristo, ou para o lado dos meus interesses pessoais?

- A mesma questão - a questão da centralidade de Cristo - pode colocar-se a propósito do testemunho que a Igreja oferece aos homens e ao mundo... É mais importante falar de Cristo e do seu Evangelho do que dos artigos do Código de Direito Canónico; é mais importante testemunhar Cristo e os seus valores do que discutir a estrutura hierárquica da Igreja; é mais importante anunciar Cristo e a sua proposta de Reino do que debater questões de organização e de disciplina... Cristo está, verdadeiramente, no centro desse anúncio que somos convidados a fazer aos homens do nosso tempo?

- Neste texto, impressiona também a liberdade total de Paulo face à morte. Essa liberdade resulta do facto de a fé que anima o apóstolo lhe permitir encarar a morte, não como o mais terrível e assustador de todos os males, mas como a possibilidade do encontro definitivo e pleno com Cristo. Dessa forma, Paulo pode entregar-se tranquilamente ao exercício do seu ministério, sem deixar que o medo trave o seu empenho e o seu testemunho. Também aqui a atitude de Paulo interpela e questiona os crentes... Para um cristão, a morte é o momento da realização plena, do encontro com a vida definitiva. Não é um drama sem sentido, sem remédio e sem esperança. Para um cristão, não faz sentido que o medo da perseguição ou da morte impeça o compromisso com os valores de Deus e com o compromisso profético diante do mundo. *in Dehonianos*.

EVANGELHO – Mateus 20,1-16a

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo,

disse Jesus aos seus discípulos a seguinte parábola:

«O reino dos Céus pode comparar-se a um proprietário,

que saiu muito cedo a contratar trabalhadores para a sua vinha.

Ajustou com eles um denário por dia

e mandou-os para a sua vinha.

Saiu a meio da manhã,

viu outros que estavam na praça ociosos e disse-lhes:

'Ide vós também para a minha vinha

e dar-vos-ei o que for justo'.

E eles foram.

Voltou a sair, por volta do meio-dia e pelas três horas da tarde,

e fez o mesmo.

Saindo ao cair da tarde,

encontrou ainda outros que estavam parados e disse-lhes:

'Porque ficais aqui todo o dia sem trabalhar?'

Eles responderam-lhe: 'Ninguém nos contratou'.

Ele disse-lhes: 'Ide vós também para a minha vinha'.

Ao anoitecer, o dono da vinha disse ao capataz:

«Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário,

a começar pelos últimos e a acabar nos primeiros'.

Vieram os do entardecer e receberam um denário cada um.

Quando vieram os primeiros, julgaram que iam receber mais,

mas receberam também um denário cada um.

Depois de o terem recebido,

começaram a murmurar contra o proprietário, dizendo:

**'Estes últimos trabalharam só uma hora
e deste-lhes a mesma paga que a nós,
que suportámos o peso do dia e o calor'.**

Mas o proprietário respondeu a um deles:

'Amigo, em nada te prejudico.

Não foi um denário que ajustaste comigo?

Leva o que é teu e segue o teu caminho.

Eu quero dar a este último tanto como a ti.

Não me será permitido fazer o que eu quero do que é meu?

Ou serão maus os teus olhos porque eu sou bom?'

**Assim, os últimos serão os primeiros
e os primeiros serão os últimos».**

CONTEXTO

No texto que nos é proposto, Jesus continua a instruir os discípulos, a fim de que eles compreendam a realidade do Reino e, após a partida de Jesus, a testemunhem. Trata-se de mais uma "parábola do Reino". O quadro que a parábola nos apresenta reflete bastante bem a realidade social e económica dos tempos de Jesus. A Galileia estava cheia de camponeses que, por causa da pressão fiscal ou de anos contínuos de más colheitas, tinham perdido as terras que pertenciam à sua família. Para sobreviver, esses camponeses sem terra alugavam a sua força de trabalho. Juntavam-se na praça da cidade e esperavam que os grandes latifundiários os contratasse para trabalhar nos seus campos ou nas suas vinhas. Normalmente, cada "patrão" tinha os seus "clientes", isto é, homens em quem ele confiava e a quem contratava regularmente. Naturalmente, esses trabalhadores "de confiança" recebiam um tratamento de favor. Esse tratamento de favor implicava, nomeadamente, que esses "clientes" fossem sempre os primeiros a ser contratados, a fim de que pudessem ganhar uma "jorna" completa (um "denário", que era o pagamento diário habitual de um trabalhador não especializado). *in Dehonianos*.

ATUALIZAÇÃO

Na reflexão, considerar os seguintes desenvolvimentos:

- Antes de mais, o nosso texto deixa claro que o Reino de Deus (esse mundo novo de salvação e de vida plena) é para todos sem exceção. Para Deus não há marginalizados, excluídos, indignos, desclassificados... Para Deus, há homens e mulheres - todos seus filhos, independentemente da cor da pele, da nacionalidade, da classe social - a quem Ele ama, a quem Ele quer oferecer a salvação e a quem Ele convida para trabalhar na sua vinha. A única coisa verdadeiramente decisiva é se os interpelados aceitam ou não trabalhar na vinha de Deus. Fazer parte da Igreja de Jesus é fazer uma experiência radical de comunhão universal.

- Todos têm lugar na Igreja de Jesus... Mas todos terão a mesma dignidade e importância? Jesus garante que sim. Não há trabalhadores mais importantes do que os outros, não há trabalhadores de primeira e de segunda classe. O que há é homens e mulheres que aceitaram o convite do Senhor - tarde ou cedo, não interessa - e foram trabalhar para a sua vinha. Dentro desta lógica, que sentido é que fazem certas atitudes de quem se sente dono da comunidade porque "estou aqui há mais tempo do que os outros", ou porque "tenho contribuído para a comunidade mais do que os outros"? Na comunidade de Jesus, a idade, o tempo de serviço, a cor da pele, a posição social, a posição hierárquica, não servem para fundamentar qualquer tipo de privilégios ou qualquer superioridade sobre os outros irmãos. Embora com funções diversas, todos são iguais em dignidade e todos devem ser acolhidos, amados e considerados de igual forma.

- O nosso texto denuncia ainda essa concepção de Deus como um "negociante", que contabiliza os créditos dos homens e lhes paga em consequência. Deus não faz negócio com os homens: Ele não precisa da mercadoria que temos para Lhe oferecer. O Deus que Jesus anuncia é o Pai que quer ver os seus filhos livres e felizes e que, por isso, derrama o seu amor, de forma gratuita e incondicional, sobre todos eles. Sendo assim que sentido fazem certas expressões da vivência religiosa que são autênticas negociações com Deus ("se tu me fizeres isto, prometo-te aquilo"; "se tu me deres isto, pago-te com aquilo")?

- Entender que Deus não é um negociante, mas um Pai cheio de amor pelos seus filhos, significa também renunciar a uma lógica interesseira no nosso relacionamento com ele. O cristão não faz as coisas por interesse, ou de olhos postos numa recompensa (o céu, a "sorte" na vida, a eliminação da doença, o adivinhar a chave da lotaria), mas porque está convicto de que esse comportamento que Deus Lhe propõe é o caminho para a verdadeira vida. Quem segue o caminho certo, é feliz, encontra a paz e a serenidade e colhe, logo aí, a sua recompensa.

- Com alguma frequência encontramos cristãos que não entendem porque é que Deus ama e aceita na sua família, em pé de igualdade com os filhos da primeira hora, esses que só tardiamente responderam ao apelo

do Reino. Sentem-se injustiçados, incompreendidos, ciumentos, invejosos e condenam, mais ou menos veladamente, essa lógica de misericórdia que, à luz dos critérios humanos, lhes parece muito injusta. Na sua perspetiva, a fidelidade a Deus e aos seus mandamentos merece uma recompensa e esta deve ser tanto maior quanto maior a antiguidade e a qualidade dos "serviços" prestados a Deus. Que sentido faz esta lógica à luz dos ensinamentos de Jesus? *in Dehonianos*.

EM APENAS UMA HORA SE PODE GANHAR OU PERDER O DIA INTEIRO!

No Evangelho deste Domingo XXV do Tempo Comum (Mateus 20,1-16), Deus conta aos seus filhos mais uma história verdadeira. A praça está sempre cheia de gente simplesmente ali parada, ou à espera de uma oportunidade para ganhar o dia. Rapidamente vem para primeiro plano o dono de uma vinha, preocupado em arranjar trabalhadores para a sua vinha. E é assim que se diz do dono da vinha que SAI às 06h00 da manhã para a praça e contrata logo trabalhadores para cultivar a sua vinha. Acerta com eles que lhes pagará um denário, que era, na altura e naquele pedaço de mundo, o salário normal de um dia de trabalho. O dono da vinha SAI outra vez às 09h00 da manhã, e, encontrando mais gente desocupada na praça, envia-os também para a sua vinha, garantindo que lhes pagará o que for justo. Volta a SAIR às 12h00, às 15h00 e às 17h00, encontra sempre gente desocupada, e a todos vai enviando para a sua vinha.

Impõe-se que anotemos um primeiro indicador: o dono da vinha SAI por cinco vezes à PROCURA de nós. Encontra-nos a toda a hora, e a toda a hora nos envia para a sua vinha. É dele toda a iniciativa e a iniciativa toda. Ele é iniciativa.

Às 18h00, o dono da vinha ordena ao seu capataz que pague o salário (um denário) aos trabalhadores, com uma estranha condição: a começar pelos últimos! O capataz pagou a cada um, um denário, que era o salário habitual de um dia de trabalho. Também esta é uma bela iniciativa do dono da vinha. Até aqui tudo bem: todos os que aqui estamos, estamos todos depois e por causa da iniciativa de Deus!

Temos também, todavia, de prestar atenção ao que fazemos, quando somos nós a tomar a iniciativa. O texto não se demora a descrever o trabalho que fazemos, e tão-pouco diz se trabalhámos, ou se fomos preguiçosos, durante o tempo, muito ou pouco, que estivemos na vinha. Mas diz que somos mesquinhos, invejosos e ciumentos, quando reparamos que o dono da vinha nos trata a todos por igual, os da última hora iguais aos da primeira hora. Literalmente, quando se referem ao procedimento do dono da vinha para com os últimos, da boca dos primeiros, ouvimos o seguinte: «fizeste-os iguais a nós» (v. 12). O texto desvenda o nosso instinto de grandeza e superioridade, e a dificuldade que sentimos em aceitar-nos e abraçar-nos como irmãos.

O amor de Deus, esse sim, está lá, bem retratado, em todas as iniciativas do dono da vinha: SAI a toda a hora à nossa PROCURA. Quer-nos a todos por igual. Enche as nossas mãos com os seus dons. Mas nós ficamos tão mal na fotografia ou na radiografia, que mostra bem as invejas e ciúmes, que minam o nosso coração e não nos deixam ser irmãos.

Aquela última hora é a hora da graça. É a nossa hora de filhos de Deus. Mas é também a hora em que podemos ser aceites ou rejeitados como irmãos.

Compreendamos bem: em apenas uma hora se pode ganhar ou perder o dia inteiro, a vida inteira!

D. António Couto

PARA OS LEITORES

A **primeira leitura** abre com dois verbos no modo imperativo: «*procurai*» e «*invocai-O*» que marcam logo desde o início o tom exortativo que deve marcar a proclamação deste texto.

A **segunda leitura** requer uma acurada preparação nas pausas e respirações, para uma correta proclamação do texto. Deve ter-se em atenção a segunda frase do texto que inicia com uma conjunção subordinativa causal – «*porque*» – e a seguinte que inicia com a conjunção adversativa, «*mas*». As conjunções, juntamente com as formas verbais marcam o tom e ritmo do texto.